

UMA ESCOLA PÚBLICA PARA A DEMOCRACIA: A “ESCOLA PARA TODOS” NO PENSAMENTO DE ANÍSIO TEIXEIRA

André Luiz da Motta Silva

Resumo: O artigo pretende apresentar os aspectos que constituem a visão de Anísio Teixeira em relação à função social da escola, da escola pública para todos, na sociedade brasileira de meados do século XX. Procurar-se-á expor a interpretação anisiana do papel social da escola na sociedade moderna, isto é, o modo como a “escola para todos”, assume o posto de principal instituição da sociedade democrática, como elemento de superação do limitado modelo de socialização familiar e de classe, da nova ordem social configurada em torno da sociedade capitalista.

Palavras-chave: a) Anísio Teixeira b) Escola pública c) Democracia

O texto que se segue pretende apresentar, de modo sintético, uma interpretação da função da escola pública “para todos” no pensamento social de Anísio Teixeira, na metade do século XX. Ao apresentar e analisar o ideal educacional anisiano em relação às suas aspirações em torno do papel da escola no processo de consolidação de comportamentos e representações sociais compatíveis com os padrões e necessidades da civilização moderna o presente estudo procura compreendê-la como uma complexa rede de ideias pedagógicas, ao mesmo tempo conflitantes e complementares, que têm como ponto central a tentativa de superação das desigualdades sociais via educação escolar. Pretende-se, também, apresentar o pensamento social e político-pedagógico de Anísio Teixeira no que tange às vinculações entre a função social da escola e a nova civilização industrial-democrática, em seu rápido processo de construção e reconstrução social, destacando-se os aspectos mais incisivos do projeto anisiano de reconstrução social e educacional por meio da escola pública para todos.

A escola, dessa forma, adquire nas reflexões filosóficas elaboradas por Anísio Teixeira, uma posição fundamental. Assim como Dewey (1959) o fez, Teixeira via a necessidade de se construir um sistema educacional público, capaz de democratizar as oportunidades educacionais, indiscriminadamente. Entre eles existe uma forte ligação, pois, Anísio Teixeira procura analisar a viabilidade/necessidade da escola pública como elemento dinamizador do progresso, ou melhor, da mudança social e, esta característica, também esteve presente no pensamento deweyano. Apesar do cenário social de Dewey ser bem diferente da realidade social brasileira analisada por Anísio, as ideias da

filosofia social norte-americana foram o ponto de partida para a elaboração das análises históricas e sociais desenvolvidas por este pensador social brasileiro.

A perspectiva anisiana tinha na escola e na educação não só os elementos para a perpetuação dos valores sociais, mas, instrumentos importantíssimos para assegurar, também, um interminável processo de reconstrução social. Anísio Teixeira (2000, p.189) reconhecia que:

A educação de um povo somente em parte se faz pelas suas escolas. Compreendida como o processo de transmissão da cultura, ela se opera pela vida mesma das populações e, mais especificamente, pela família, pela classe social e pela religião. A escola, como instituição voluntária e intencional, acrescenta-se a essas outras instituições fundamentais de transmissão da cultura, como um reforço, para completar, harmonizar e tornar mais consciente a cultura, em processo natural de transmissão, e, nas sociedades modernas de hoje, para habilitar o jovem à vida cívica e de trabalho, em uma comunidade altamente complexa e de meios de vida crescentemente especializados.

A escola é, aqui, considerada por Anísio Teixeira como o instrumento que dá ao processo educativo, que tem sua origem nas instituições sociais fundamentais, os rumos necessários para que o indivíduo/educando seja capaz de integrar a sociedade de modo a contribuir para a marcha da civilização moderna. Por ter o compromisso de zelar pelos valores sociais, Anísio destacava que a escola progressiva (a nova escola) deveria deixar de ser um elemento isolado das transformações sociais, como o fazia a escola tradicional, mas fazer-se, cada vez mais, uma micro-projeção da realidade social, para que se tornasse eficiente e apta a acompanhar os ritmos acelerados de aperfeiçoamento da ciência, da técnica, e das relações sociais como um todo. Quanto a isso, Anísio Teixeira (2000, p. 110-111) destacava que:

Vai, porém, muito adiantada a marcha da humanidade, nas suas adaptações e readaptações sucessivas. A natureza se fez arte e, hoje, viver é um difícil mister, que é preciso aprender. Mais do que isso. As mudanças são tão aceleradas que, se a distância e a diferença de ritmo entre a escola e a sociedade permanecessem as mesmas de outros tempos, ao terminarmos a nossa educação escolar, seria necessário começá-la de novo, tão longe, tão adiante já se acharia a vida... Por tudo isso, a escola teve que deixar de ser a instituição isolada, tranquila, do outro mundo, que era, para se impregnar do ritmo ambiente e assumir a consciência de suas funções.

O homem da civilização em mudança vive uma realidade onde a materialidade do meio é, em grande parte, fruto da educação, sendo assim, ela é o principal pilar

sustentador de toda a vida social. Ao apontar esta função da educação, Anísio procurava chamar a atenção para o fato de que a escola do mundo moderno não poderia ser a antiga escola “acidental, sem planos e sem previsão” (TEIXEIRA, 2000, p.111). O antigo mundo do fatalismo foi superado pelo novo universo da “civilização industrial e experimental”. A compreensão das novas possibilidades que a ciência trouxe para a humanidade implicaria uma completa revisão da função social da escola. As escolas não poderiam mais ser “casas pacíficas de cultura literária e artística, destinadas a atuar na formação de um corpo de fiéis às tradições do estudo e do saber”, surgia então, a obrigação de formar um novo homem para uma nova sociedade industrial, técnica e em plena mutação (TEIXEIRA, 2000, p.112).

A ciência ganha grande destaque no pensamento anisiano, mas ele compreendia que durante um tempo houve “um entusiasmo exagerado e complacente” (TEIXEIRA, 2000, p.112) em relação aos usos da ciência. Esse ardor científico de conquista do futuro teve como consequência a elevação das injustiças sociais. Para reverter tal situação, só um novo modelo de escola poderia contribuir para a superação das iniquidades sociais. Como ressaltava Anísio (TEIXEIRA, 2000, p. 113):

Apenas, - e agora é que se acentua a transformação fundamental por que passa a escola - apenas, urge que não entreguemos ao acidente e ao acaso o que podemos prever e planejar. A escola não pode ficar no seu estagnado destino de *perpetuadora da vida social presente*. Precisa transformar-se no *instrumento consciente, inteligente do aperfeiçoamento social*. Não nos é dado dizer de antemão o que poderá representar de correções, de ajustamentos e de regularização do processo social, o aproveitamento inteligente dela escola para esse fim, seu verdadeiro fim. A grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem novo para o mundo novo, que a máquina e a ciência estão exigindo. Até agora, temos um homem ainda antigo, excedido e subjugado pela sua própria criação. A máquina, que o vem libertar, o está escravizando. O industrialismo, que lhe vem dar conforto e força, o está fazendo morrer à fome. A liberdade de julgamento pessoal e de auto-direção o está asfixiando, transmutada em trágico tumulto de ideias e propósitos (TEIXEIRA, 2000, p. 113, grifo do autor).

Como se pode observar neste trecho surge novamente a urgência em preparar o indivíduo moderno no discurso anisiano. As injustiças sociais são representadas mais como resultado do despreparo dos homens em lidar com as transformações, incapacidade de fazer das mudanças, chaves para o progresso social, do que consequências das determinações históricas. Esse desequilíbrio entre sociedade e educação deveria ser equacionado por meio da escola. Desse modo, a escola não poderia ficar alheia ao processo de mudança e até de desagregação das instituições

transmissoras da cultura (família, classe e religião), o que não era apenas resultado das constantes mudanças, mas, em especial, fruto das mudanças internas que estas instituições eram obrigadas a realizar para acompanharem o novo ritmo da vida social.

Compreendendo estas imposições que a nova configuração social (capitalismo monopolista) projetava, em escala global, sobre os ideais de constituição de uma sociedade efetivamente democrática, Anísio Teixeira procurou adaptar criticamente o modelo de escola progressiva, elaborado por Dewey, ao conjunto da realidade social brasileira. Foi pensando a escola inserida na diversidade geográfica e sociocultural brasileira, que o conceito de “escola progressiva” vai cedendo lugar a ideia de “escola para todos”.

Para a concretização de uma sociedade democrática no Brasil, Anísio evidenciava a inevitável superação das desigualdades herdadas durante mais de três séculos de transplantação cultural e institucional oriundas do período colonial e amplamente disseminada pela consciência coletiva. A herança colonial impôs sobre a sociedade brasileira uma estrutura social, mesmo depois de sua independência política, e por um bom período após a proclamação da república, inúmeras características que não mais correspondiam às transformações que ocorriam em diversos campos da vida social (nas ciências, nas técnicas, nas artes, etc.). Anísio asseverava que tudo o que havia de mais atrasado foi herdado pelo tipo de colonialismo exercido por Portugal. Enquanto outras nações europeias, entre elas a Inglaterra, desenvolviam uma ação colonizadora que tinha como propósito estabelecer comunidades e incentivar-lhes certa autonomia, Portugal exercia uma relação puramente parasitária, pois só se movimentava de acordo com suas exigências imediatas, preferindo apenas saquear suas colônias e sujeitá-las aos seus mandos e desmandos. Ele destacava, também, que ao mesmo tempo em que a Inglaterra representava o ímpeto avassalador da Reforma Protestante frente às arcaicas estruturas sociais, resquícios da mentalidade medieval que ainda se apresentavam na organização social e política europeia, Portugal transplantava para as terras brasileiras o que havia de mais extemporâneo, todo um modelo de estratificação social baseado nos princípios da Contra-Reforma, pois esta era justificadora das desigualdades e legitimadora de seu modelo exploratório de colonização. Deste processo histórico, formou-se uma visão da realidade pautada em dualismos sendo que, entre eles, o principal seria o estabelecido entre “elite” e “povo” .

O legado deixado pela transplantação cultural/institucional, no que tange à educação, foi uma escola, no todo, voltada para atender às necessidades de ensino de

uma elite, ou seja, uma educação para o lazer e o consumo. Uma escola totalmente aquém da população como um todo, uma escola a serviço da manutenção dos privilégios das classes detentoras do poder econômico e, conseqüentemente, do poder político. Quanto a esse aspecto, Anísio Teixeira chamava a atenção para o fato de que: “A elite dinástica, visando, acima de tudo, preservar a tradição, oferece uma educação, apenas, aos poucos e, especialmente, a grupos seletos e destinados a constituir a elite governante” (TEIXEIRA, 1977 p. 197). Ao firmar-se sobre esta base a escola deixa, como pensa Teixeira, de cumprir com seu papel elementar na civilização industrial, isto é, ao ser domínio dos interesses de uma dada classe, ela não contribui para o aperfeiçoamento social.

Procurando romper com a escola tradicional (elitista e livresca, humanista, mas distanciada da vida real dos homens), Anísio Teixeira procurou enfatizar em seus escritos a importância da socialização de uma escola pública, laica e em consonância direta com a realidade social e suas transformações nos mais variados campos (das artes, esportes, ciência, técnica, cultura, etc.). Mas, além disso, a escola pública deveria ser a viga mestra de uma sociedade democrática, pois, nela o espírito da solidariedade democrática seria internalizado no educando e, através desse processo, a sociedade estaria contendo o avanço do egoísmo (resultado da deturpação do individualismo), crescente na sociedade moderna.

A escola pública é defendida nas reflexões anisianas como espaço no qual a aproximação social indiscriminada entre as múltiplas camadas que compõem a sociedade brasileira, construiria os vínculos de solidariedade e responsabilidade social e dissiparia qualquer forma de prevenção ou discriminação. Ela deve ser uma réplica da sociedade almejada, pois, se vai servir a uma sociedade democrática ela deve, antes de tudo, ser democrática. Neste espaço, as crianças das classes “populares” encontrariam todo um ambiente próximo ao que as crianças “privilegiadas” têm em seus lares. Desse modo, a escola primária rompe com seu “ensino a toque de caixa”, pois, tendo em vista que Teixeira defendia um ensino integral (realizado em escolas nucleares e parques escolares), ela teria tempo para ensinar mais do que apenas ler, escrever e contar. O espaço escolar se transformaria em uma extensão do ambiente familiar, permitindo desenvolver nas “crianças do povo” todos aqueles elementos necessários para uma vida melhor, para uma vida civilizada.

Um das grandes contradições do pensamento anisiano repousa, justamente, sobre esse papel da escola pública: de oferecer aos desprivilegiados as vantagens

presentes na vida familiar dos filhos da classe dominante e dos intelectuais. Anísio Teixeira é capaz de perceber essa diferença, mas ao mesmo tempo, ele acaba atribuindo-as, apenas, às disparidades de acesso aos elementos “civilizadores”. Ao atribuir a eliminação das desigualdades a uma reforma do aparelho escolar, Teixeira demonstra não poder captar as reais causas dessas desigualdades, devido às influências e limitações do método pluralístico deweyano (que muito abrange, mas que se mostra incapaz de apreender a lógica das contradições que permeiam a sociedade de classes). O simples fato de não questionar a existência de diferenças de classe já demonstra sua visão parcial da realidade, não só brasileira, mas também, mundial.

Voltando à questão da democratização da escola, Anísio buscava uma escola comum, mas parece que este modelo só dizia respeito à escola primária. Quando Teixeira pensa a escola secundária, as coisas mudam, a formação primária (comum), responsável pela real aproximação social, dá lugar a uma escola secundária flexível, apta a atender uma clientela com múltiplas potencialidades e interesses (resultados da formação da personalidade no ambiente extraescolar). Essa necessidade de flexibilização recai sobre um fato interessante. Essa escola flexível não parece mais manter vínculos com a escola comum, destinada ao ensino primário. Mas, mesmo assim, ela é justificada por Anísio como garantia do respeito às diferenças individuais. Por isso, esse novo modelo de escola secundária deve procurar diversificar seus cursos, estabelecer uma articulação entre os estágios do sistema de ensino (ensinos: primário, secundário e superior), de modo que possa, por um lado, atender aos anseios democráticos de elevar ao máximo a disponibilidade de oportunidades educacionais aos cidadãos brasileiros e, também, fazer com que as diferenças de classe se dissolvessem num ambiente em que os indivíduos terão o mesmo valor/prestígio social, incondicionalmente. Quanto a esse descompasso, que parece existir entre uma escola comum e uma escola secundária flexível, Gandini (1980, p. 64) relata que:

A diversificação dos cursos, a expansão das escolas secundárias, a articulação com o ensino primário, como forma de democratização da educação, seriam alguns dos caminhos para se eliminar a *dualidade* entre ensino acadêmico e o ensino profissional. Entretanto, essa mesma *dualidade* seria eliminada, através da *unidade* de objetivos, mas não através da *uniformidade das escolas*. Uma vez que continuariam os diferentes tipos de escola para formar pessoas com diferentes tipos de “aptidões” e capacidades, o que se poderia concluir é que seria eliminada a *dualidade* pela *pluralidade* e não pela escola *comum*, ou única, como o Autor declarava. Ou então seria esse o verdadeiro sentido da *escola comum*: compor-se de várias escolas diferentes entre si. Seria mantido, nessa diversidade, o fato de alguns chegarem à universidade e outros não (GANDINI, 1980, p. 64, grifo da autora).

A ideia de uma escola classificadora (escola tradicional), extremamente criticada por Anísio Teixeira, é substituída por uma escola distribuidora, pois, ao levar em conta as potencialidades individuais e não os determinantes históricos (socioeconômicos, políticos e culturais), ela distribui o educando, a partir de suas “aptidões”, pelas diversas profissões e, de acordo com a realidade da divisão social do trabalho. É através dessa escola distribuidora e científica que os mais aptos ao ensino superior, mesmo os que pertencem à massa pobre, conseguirão alcançar seus objetivos. A pluralidade de escolas, além de possibilitar um maior acesso a um grande número de cursos, justifica um ensino diferenciado, não mais pelas diferenças de classe (escolas e educação para os privilegiados/elites e ignorância para os desprivilegiados/massas), mas, por dissimilaridades de “aptidões” (“potencialidades”, “habilidades”, “disposições inatas”, etc.). Desse modo, não parece ser uma simples questão terminológica a conversão da *escola comum* em *escola para todos*. A respeito disso Gandini (1980, p. 64-65) afirma que:

A tarefa de destacar os pontos centrais das ideias de Anísio Teixeira, [...] é complexa, dada a dispersão e diversidade dos diferentes aspectos por ele abordados. Dessa forma, é preciso distinguir aquilo que ele (e outros liberais) entende por escola *comum* e o que entende por escola *para todos*. Essa separação é importante na medida em que o emprego de um e outro será a forma que o autor encontra para realizar o que pretende fundamentalmente: a democratização da escola. A esse ideal corresponderia a escola comum. Entretanto, dada a diversidade da população, dada a diversidade entre as regiões brasileiras, a inviabilidade da proposta surge para ele, mas não querendo negá-la, contorna-a propondo a escola *para todos*, que não significa necessariamente escola *comum*.

Desse modo, a escola comum converte-se em *escola para todos* como forma de, mesmo com as limitações imposta pela formação social brasileira (onde a ciência era incipiente e o mundo rural ainda predominante), manter firme o ideal de democratização da escola. Quanto a estas limitações, não só nacionais como globais, Teixeira (1997, p. 234-235) já procurava defender uma posição contrária às estruturas arcaicas de uma república que não atendia, a seu ver, aos verdadeiros ideais democráticos:

A crise moderna de democracia não é uma crise de excesso de democracia, mas de falta de democracia. A crise de individualismo não é uma crise de excesso de individualismo, mas falta de verdadeiro individualismo. Tudo que a democracia prometera falhou, porque as instituições com que o buscamos realizar não eram aptas a consegui-lo. Prometeram-nos a valorização indivíduo e sua participação inteligente no governo e na direção de sua vida econômica. E que lhe deram? Uma organização política que suprime o

indivíduo, manobrando, por intermédio do sufrágio universal, por grandes forças obscuras e invisíveis. Uma organização social em que o trabalho é distribuído e valorizado por alguns que o possuem e o dão, nas condições em que quiserem. Tal regime não é mau porque democrático, justamente porque não o é. Tal regime não é mau porque individualista, justamente porque não o é. A reconstrução social moderna visa reivindicar os aspectos democráticos e individuais que se impõem para uma sociedade justa e equilibrada (TEIXEIRA, 1997, p. 234-235).

Anísio Teixeira era convicto em sua defesa, pois, para ele, só através da democratização da escola, da escola pública, comum ou “para todos”, da educação e das possibilidades democráticas (ou meritocráticas), de uma nova mentalidade (democrática pautada nas contribuições dos conhecimentos científicos), de uma reforma intelectual e moral, seria possível fazer da democracia formal uma democracia real em progresso, mesmo com todas as limitações socioeconômicas, estruturais e conjunturais, produzidas pela conformação e expansão do modo capitalista de produção no Brasil do século XX.

Assim, a escola comum e para todos converte-se, na obra anisiana, em principal instituição social da sociedade moderna e democrática, reafirmando sua posição de mediadora das relações que permeiam o universo privado (o espaço familiar) e o público (a comunidade), permanecendo democrática, no sentido de que não se deixaria levar por disputas ideológicas, por lutas políticas, pela *luta de classes*, que envolve as relações entre Estado e sociedade.

A *escola pública e para todos*, de Anísio Teixeira, sintetizava os valores em mudança da civilização burguesa, que proporcionava ideologicamente a fusão entre trabalho e reflexão, simbolizando, assim, a reunião da oficina e do laboratório num mesmo espaço, mas com novas finalidades, ou seja, possibilitar um conjunto de experiências capazes de contribuir para a reconstrução e ampliação do conhecimento. Tal concepção demonstra como Teixeira supervalorizava a ideia e as possibilidades da escola como instrumento ou agência de mudança social. Ao mesmo tempo, por mais que fosse taxado de “socialista” ou “comunista” por intelectuais católicos e pelos defensores do sistema privado de ensino, Anísio Teixeira é enfático ao negar que suas ideias fossem tentativas de superação da ordem social capitalista, da sociedade de classes, por meio da educação ou por uma escola pública socializada. Ao contrário, Teixeira (1968, p. 72-73) reafirma seu pensamento social como defensor de um postulado intrinsecamente ligado à constituição da sociedade capitalista e democrática ao asseverar que:

Exatamente porque a sociedade é de classe é que se faz ainda mais necessário que as mesmas se encontrem em algum lugar comum, onde os preconceitos e as diferenças não sejam levados em conta e onde se crie a camaradagem e até a amizade entre os elementos de uma e outra. Independente da sua qualidade profissional e técnica, a escola pública tem, assim, mais essa função de aproximação social e destruição de preconceitos e prevenções. A escola pública não é invenção socialista nem comunista, mas um daqueles singelos e esquecidos postulados da sociedade capitalista e democrática do século dezenove.

A escola pública idealizada pelo pensamento de Anísio Teixeira pode ser considerada, em seu tempo, uma das mais elaboradas concepções da escola pública burguesa. Isto se justifica em virtude de que, ao elaborar o discurso de defesa da legitimidade social desse modelo de escola comum, a obra anisiana a envolve com os elementos ideológicos postulados pela “Revolução Burguesa”, isto é, na luta pela defesa de uma *escola para todos*, de uma escola pública e democrática, Teixeira a apresenta como um espaço *comum, livre e democrático*, valores estes, que consubstanciaríamos os ideais de *igualdade, liberdade e fraternidade*, defendidos pelo pensamento liberal-burguês.

Em suma, a escola pública anisiana é exposta como uma escola comum, um espaço que preza pela igualdade, pois, nela inexistiriam diferenças de classe ou de qualquer outra espécie (étnicas, culturais, religiosas, de gênero, etc.). Seria igualitária por proporcionar para todo e qualquer indivíduo a possibilidade de ter a formação mínima necessária ao seu desenvolvimento social e individual. Ela é, também, uma escola de liberdade porque se faz formadora de homens livres, ou seja, indivíduos e cidadãos livres das disputas políticas e ideológicas que se dão nos espaços extra-escolares. Por ser uma instituição pautada na liberdade, a escola pública é, em Anísio Teixeira, o espaço de realização do indivíduo social (homem médio) da civilização burguesa.

REFERÊNCIA

BARREIRA, Luiz Carlos. Escola e formação da mentalidade do desenvolvimento no discurso político pedagógico de Anísio Teixeira. In: MONARCHA, Carlos (org.). **Anísio Teixeira**: a obra de uma vida. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.103-112.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FREITAS, Marcos Cezar de. **História, antropologia e pesquisa educacional: itinerários intelectuais**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 58-70.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. **Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira (1930-1935)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

_____. **Educação e o mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. **Educação para a Democracia: introdução à administração educacional**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação, ou, a Transformação da Escola**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.